



DIÁRIO DE PERNAMBUCO

RECIFE, SÁBADO, 9 DE SETEMBRO DE 2000 - Nº 253 - O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA - FUNDADOR DOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND

Edvaldo Rodrigues



Arqueólogos acham no GP relíquias de até 170 anos

Levantamento arqueológico iniciado há duas semanas no Ginásio Pernambucano, por técnicos da UFPE, resgata peças com até 170 anos. São moedas, botões, tinteiros de bronze e cerca de mil outras relíquias, que estão sendo catalogadas para compor um museu na escola recifense. **C5**

Albuquerque reúne peças

Peças seculares encontradas no GP

Levantamento arqueológico foi iniciado há duas semanas e faz parte do projeto de recuperação da unidade

Júlio Pedrosa

DA EQUIPE DO DIÁRIO

Peças como escovas de dente, moedas, botões, tinteiros e até pias de louça do século passado vêm sendo resgatadas há duas semanas das paredes e pisos do Ginásio Pernambucano. Uma das instituições de ensino mais tradicionais do País, construída entre 1855 e 1866, o GP passa agora por um minucioso levantamento arqueológico. A iniciativa faz parte do projeto de recuperação e reforma do prédio, iniciado em janeiro deste ano e com término previsto para o início de 2001. O trabalho dos arqueólogos vai até o próximo dia 21, quando deverá ser concluída a catalogação das cerca de mil peças que comporão um museu que será instalado na escola.

Ao todo, 18 pessoas, entre estudantes e profissionais do Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) atuam no local. "O objetivo do levantamento é dar as diretrizes para o trabalho dos arquitetos restauradores, identificando a estrutura original do prédio, que passou por diversas reformas ao longo de sua existência", explicou o coordenador do laboratório, Marcos Albuquerque. Segundo ele, as escavações revelaram que a estrutura original do prédio é muito mais bonita que a atual.

Os arqueólogos encontraram arcos nas paredes que foram entaipados para criação de novas salas e descobriram que o prédio — concebido para possuir apenas duas escadarias de madeira — teve outras duas acrescentadas ao projeto. Outra constatação feita através das escavações foi a de que o pátio interno original da escola encontra-se 42 centímetros

abaixo do nível do piso do prédio. "Foram colocadas algumas toneladas de terra nesta área, onde estamos encontrando resquícios de jardineiras e muitos objetos", declarou.

RELÍQUIAS - O colégio, que funcionou nos seus primeiros anos como um internato, guarda outras relíquias nas suas 39 salas, distribuídas nos pavimentos inferior e superior. "Estamos classificando as peças encontradas por local de origem e posição tridimensional que elas ocupavam no sítio histórico", explica Albuquerque. Segundo ele, através das peças é possível fazer um diagnóstico do cotidiano das pessoas que frequentaram o colégio.

De acordo com o arqueólogo — que já atuou em mais de 300 levantamentos de sítios arqueológicos, entre eles o da Sinagoga do Bairro do Recife —, o projeto de restauração do GP deverá respeitar os dados fornecidos por sua equipe. "A arquitetura do prédio tem influência da escola francesa do século 19, mas não foi construído de acordo com a planta original", revela a arqueóloga Veleida Lucena, assistente de coordenação. Ela informa que o prédio deveria, ao invés de um, ter dois pavimentos superiores.

Há quase três anos interditado, o GP deverá voltar a funcionar após a conclusão da restauração, com a mesma capacidade de antes — 3 mil alunos, divididos nos três turnos (manhã, tarde e noite). A iniciativa é patrocinada por um pool de empresas — Phillips, Norberto Odebrecht, ABN-Amro (Bandepe), Coral e Fundação Roberto Marinho — com o apoio do Governo do Estado. A restauração do prédio — que tem 4.850 metros quadrados de área construída — deverá custar R\$ 1,7 milhão.



Marcos Albuquerque lidera equipe de estudantes e profissionais do laboratório de Arqueologia da UFPE que estão trabalhando no colégio

Objetos podem ter até 170 anos

Os responsáveis pela catalogação e documentação do material encontrado nas escavações do GP trabalham com a expectativa de que as peças possam ter até 170 anos. É o caso, por exemplo, dos tinteiros de bronze, que, segundo os especialistas do laboratório de arqueologia da UFPE são do século 19 e foram trazidos da Europa. "Tudo que está sendo recolhido é lavado, numerado e vai passar por uma avaliação que terá como base um banco de dados, onde estão informações sobre datas, peças, marcas e fábricas das mais diferentes épocas", explica a arqueóloga Veleida Lacerda.

Segundo ela, o trabalho dos arqueólogos se baseou também nos registros detalhados da visita do imperador Dom Pedro II a Pernambuco, em 1859. "Ele esteve no prédio do GP, que ainda estava em construção, e fez um relato detalhado da estrutura da edificação, bastante diferente do que é hoje", informa a arqueóloga.

ORGANIZAÇÃO - O sucesso do trabalho da equipe, segundo Veleida, se deve ao padrão de organização que vem sendo imposto. "Estamos distribuídos em quatro coordenações — geral, de campo, documentação (gráfica, videográfica e fotográfica) e deveremos entregar em



Escavações do GP vêm sendo acompanhadas por técnicos do Iphan

tempo todo o levantamento para respaldar o trabalho dos arquitetos restauradores", garante.

Tombado em nível nacional, o prédio do GP vem sofrendo essas in-

tervenções sob o acompanhamento do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), que participou de todas as etapas de discussão do projeto.